

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 130

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS. SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O 1.º aniversario da nova Camara

O Chefe do Estado no momento de assinar a acta do lançamento da primeira pedra para o Bairro Popular.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA
cronica da semana

Má Língua

ECOS

«Feras» e «mansos»

Mais do que nunca, é da maxima urgencia uma severa fiscalizacao do ensino liceal. A presente epoca de exames, a bitola das di- culdades, o jugo sob o qual os examinandos teem de passar, está o mais disnivelada possivel. Nos liceus, só se ouve falar na meza dos «feras» e no juri dos «mansos». O exame, mais do que nunca, é uma lotaria, cujos premios, muitas vezes, consistem num punhado de notas falsas, de notas mentirosas. E' preciso acabar com a fantochada dos exames para os alunos dos liceus, e dar caracter serio aos exames dos estudantes não matriculados.

Os portugueses para as portuguesas!

O redactor do «Diario de Noticias» que foi á America do Norte incltava, ha dias, os rapazes portugueses a que emigrassem com o proposito fim de irem á California apanhar a sorte grande, mascarada de «miss», meia portuguesa meia americana, filha ou descendente de colonos açorianos. Sabemos que o seculo é de positivimos, mas ainda não tinhamos visto tanta literaturá a adoçar uma idéa tão... pratica. No «eio feminino comercial (empregada do Grandela, Ramiro Leão e armazens adjacentes) é que reina um certo pânico, aliaz justificado.

Exclama-se, a todo o momento, que os rapazes portugueses são para as raparigas portuguesas! O redactor do «Diario de Noticias» que foi á California cometeria uma imprudencia se, dando-se a conhecer, fosse comprar laços de gravata (não dizemos laços matrimoniais...) a qualquer dos grandes armazens.

O morto da semana

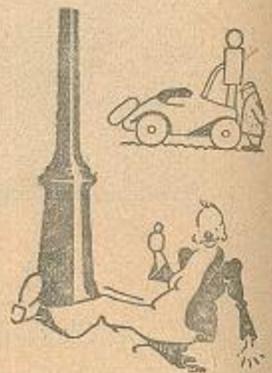
O morto da semana foi o sr. Lino do Nascimento, pai do illustre maestro Herminio do Nascimento. O «Nascimento da Faculdade de Letras», como era familiarmente conhecido no meio academico, era uma pessoa culta e bem educada. A convivencia de todos os dias com algumas das nossas mais lidimas figuras de intellectuais—como José Maria Rodrigues, Leite de Vasconcelos, David Lopes e outros—autenticos sabios, professores da Faculdade de Letras, deve ter contribuido para que o morto da semana fosse um espirito desempe- rado e interessante, um espirito dos que éramos encontrar no corpo dum simples burocrata.

Lino do Nascimento, que viu perpssar tantas gerações pelo casarão da Faculdade de Letras, deixou uma enternecida saudade em centenas de antigos estudantes que nele encon- traram sempre a maior correccão e afabilidade.

LER NO PROXIMO NUMERO
A minha bailarina arabe

Novela de costumes musulmanos
Por NORBERTO LOPES

CONTRASTES



«Aquillo» não anda sem gozollina. E eu, com «gatinho» é que não consigo «ndar»...

«MISS», LISBOA

A idéia que o «Diario de Lisboa» teve de surpreender e fixar alguns aspectos da cidade em cronica ligeira e desprezenciosa deve merecer a simpatia de todos aqueles que amam este velho burgo olissiponense, á sombra de suas muralhas se consoli- dadas a independência de Portugal.

Lisboa é uma cidade abandonada. Uma cidade triste. Uma cidade que não cuida da sua «toilette». Dir-se-ia uma viuva que anda a penar a saudade de chorosa duma ausencia irremediavel.

Ora a verdade é que Lisboa ainda possui beleza e encantos suficientes para ter direito a que a tratem como uma menina solteira, uma menina que quer casar com um noivo rico e inteligente. «Miss» Lisboa, apesar da longa experiencia que tem da vida, ainda é uma criança. Se Paris é uma loira, como diz a canção, Lisboa é uma rapariga morena, de grandes olhos sonhadores, com um sinalzinho petulante na face.

Ensinemo-la a vestir pelo ultimo figurino, a calçar com elegancia, a tomar banho todos os dias—quando houver agua—a andar na rua com modos de gente civilizada, a cuidar um pouco da sua beleza fisionomica—e teremos operado uma transformação radical nos seus habitos, uma transformação que ha-de contribuir certamente para que «Miss» Lisboa encontre o noivo que lhe convem.

Depois, precisamos de reabilitar Lisboa. O país, que lhe conhece apenas os defeitos, olha para ella com desconfiança. O estrangeiro ignora a ou tem dela uma noção errada.

E a verdade é que esta pobre menina romantica, a par de alguns defeitos de educação —que se corrigem facilmente com um mestre de boas maneiras—tem virtudes inapreciaveis, que lhe conferem o direito de ambicionar uma vida mais feliz do que aquela que tem vivido até hoje.

Já é tempo de olharmos um pouco a serio para «Miss» Lisboa. Lisboa não sai de casa. Lisboa não viaja. Levem-na um dia a Paris. O passeo ha de fazer-lhe bem. Em vez de se desnacionalizar, como certas meninas imperlentes e eivadas de cosmopolitismo, voltará mais orgulhosa da sua beleza e com algumas receitas uteis para o seu «boudoir». Tal qual como as «estrelas» que vão a Paris e trazem musicas novas para o seu repertorio, Lisboa tambem precisa de mudar a conhecida canção que a sua pianola toca ha meio seculo.

A valsa passou de moda. Estamos na idade do «charleston». E Lisboa deve dançar o «charleston» com elegancia, sem excentricidades provocantes de «cabarets».

NORBERTO LOPES

COBARDIA



—O sr. não se envergonha de ter sido a cobardia de bater na sua mulher?
—Olhe para ella, sr. juiz, e veja lá se não é preciso antes valentia!...

A falta de maior celeb-idade com que entreter os miserros mortaes appareceu esta Cavalidade pelo caes das columnas dos j-urnaes.

Tendo passado cento e muitos annos de vida incerto, tumultuoso, e rude, neste suave paiz de quodrumonhos onde o riso é a unica virtude,

esquecido o calor de pulsação s que outorra nos queimava o songue meç, — tornados os cavallos figurões mas grandes figuras de carne e oss»,

resolvemos obter uma entrevista — tomando para isso qualquer pé— do distinto cavallo, tão em vista, que ora serve de throno a D. José

Recebeu-nos com grande gentileza mas sem perder a linha um pouco fatua de quem tem por clarissima nobreza o ser filho de artista e irmão de estatua.

Ergueu, sorrindo, o pato deanteira sob o ventre mais chro do que um odre, e disse, sobre a peanha de madeira salpicada de branco e meio podre:

«querem fazer voltar ás minhas ancas toda a frescura da potencia antiga; contra as minhas epaduas tenho tranças, e um collete de-gesso na barriga.

Mas eu bem vejo, sem que me avinagre, que é inutil, irrisorio, isso postia... Voltar aos tempos aureos? Um milagre que nem o Voronoff realizaria.

Dos-me sentir que a multião sorri do meu garboso e immovel arregaço, sem me achar o prestigio que perdi por causa do cavallo do Tanganho.

Trago em cima este Rei tão conceituado, mais nedio e mais gorducho que um batoque. Como Elle, cilo p'ra tudo, embasbacado de tudo agora andar sem Rei nem Roque.

Adivinho a cobiça da Moagem que ao ver a minha airosa vastidão, murmura entusiasmada da miragem: «Dava, bem moldinho, tanto pão!»

Tambem me custa não achar o rastro de tão altos e nobres paladinos; ver que os Machados já não são de Castro; para só se mostrarem Bernardinos.

E doe-me ver-me apenas observado por cima do hombro, como um caso typico; saber que só seria festejado se desse pulos num concarso hyppico.

Bem sei que vou ficar, não ha remedio, exposto aos olhos de qualquer burgesso que para se ver livre do seu tédio me pergunte «estás lá ou és de gesso?»

E odeio tanta gente insatisfeita que ha de espalar-me para seu regão... Caramba! Nem ao menos se resolve o meu somno innocente de cavollo?!

Ah! Para que ha de o tempo.—desespéro!— tudo ceifar com a maldita fiteç?! Pernas de gesso! Pero que vs quero, se nem sequer servis p'ra dar um coice!»

TAÇO

questão prévia

DEPOIS de muito meditar sobre uma das nossas mais salientes caracteristicas, cheguei a esta conclusão: em cada portuguez ha um propagandista.

Propagandista intelligente ou boçal? Iluminado como um tamanco? Não se pode estabelecer um concreto rigido sobre este ponto, porque depende muito do temperamento de cada um. Em todo o caso a afirmação fica de pé: ver um portuguez é ver um propagandista na permanente vibração de entusiasmo de comunicar aos outros, pela palavra que convence ou pelo gesto que domina, os seus ideis ou, mais simplesmente, as suas preferencias.

Possuindo em alto grau o espirito de contradicção, o portuguez estava naturalmente votado desde nascença á missão de propagandista, porque afinal a propaganda não é mais do que uma função do espirito de contradizer, tendo em vista substituir umas ideias por outras e pôr uma nova convicção onde estava a antiga, que é preciso logicamente contraditar para a destruir no espirito que a albergava.

Desde que uma pessoa se levanta até que, com as palpebras já pegadas, se me-e na cama, não topa senão gente que faz propaganda de qualquer c isa. Logo de manhãzinha ouve-se na escada o padeiro a garantir á criada que o pão mal cozido é o melhor para o estomago

ou vice versa, se o pão que traz nesse dia é uma especie de salvado de incendio. Depois é o homem do talho que desenvolve uma logica de ferro em defeza da superioridade do bife do assem sobre o do lombo. Depois ainda é a propria criada que faz a propaganda da agua fria nas abluções quotidianas, sobretudo quando se esquece de aquecer a agua.

Na rua a propaganda persegue-nos. O homem da tabacaria, que não tem cigarros Jorro de capa violeta, sustenta com brilho a eficacia dos jorros de capa vermelha ou mesmo das «Turquezas». No electrico de ba co para banco, faz-se propaganda politica. Ao almoço, o criado de restaurante rebate vigorosamente a nossa preferencia pelo peixe esp da frito e mercê da sua propaganda enérgica acaba por nos impingir uma pescadinha de rabo a boca.

Pelo dia adiante as mais variadas formas de propaganda não deixam de azoinar nos e quando, finalmente, uma pessoa recolhe a casa, pela madrugada, e se julga já liberta da propaganda e de propagandistas, ainda topa o guarda nocturno a dizer ao policia de giro:

—Deixe lá falar, camarada! Pinga boa, cá no sitio, só a do carvoeiro da esquina.



Feliciano Santos

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

— Pagina Alegre — por Xisto Junior —

A morte do Leão

AQUILLO tinha de dar-se, mais dia menos dia. Toda a vizinhança, desde ha muito, previa a scena e até algumas vizinhas mais intimas tinham já prevenido a D. Ermelinda para que fôsse mais acutelada, que, qualquer dia, o marido apanhava-a com a boca, ou lá o que era, na botija.

Ao Leão tambem alguns amigos tinham aconselhado prudencia, que se resguardasse, que o marido da D. Ermelinda podia colhê-lo de surpresa.

— Ora! — dizia o Leão, muito cheio de si. — Não tenho medo! E' uma colhida sem consequencias, porque ele é um pateta. Ele sai, eu entro. A's saídas do sendeiro correspondem as entradas do Leão, como no proverbio.

Mas um dia a coisa estoitou. Saiu o marido, entrou o Leão, e quando este já devorava a sua prêsca com beijos, a campainha da porta retiniu, dando o sinal de marido á vista.

O Leão rugiu uma imprecação pouco decente e a D. Ermelinda, que era

cal do sinistro da sua honra. A esposa adúltera, que tinha previamente escondido o Leão no guarda-vestidos, perguntou com toda a serenidade ao egido consorte, que naqueles tran-



ses tinha todo o aspecto de não ter sorte nenhuma:

— Esqueceu-te alguma coisa, filho?

Ao que eleolveu, trágico e solene:

— Esqueceu-me que a senhora é «grand prix» de pouca vergonha e venho lembrar-me disso.

E largou a farejar pelo quarto, como um «fox-terrier» que adivinha rato. Alfim, parou junto ao guarda-fato e,

mostrando uns pelos russos que se escapavam pela frincha da porta do espelho, interpelou a esposa:

— Que pelos são estes, senhora?

— Isso é da pele do leão, que eu meti aí dentro por causa da traça,— apressou-se a explicar D. Ermelinda.

Com efeito, havia junto á cama, a servir de tapete, uma velha pele de leão com grandes calvas, mas a desmentir a D. Ermelinda a pele lá estava no seu lugar, sob os pés dela e do marido.

— Ah! exclamou ele—a senhora bisengana-me! Abra essa porta!

A porta abriu-se e lá dentro, dobrado ao meio, estava o Leão, em pele e osso. O Leão estava já habituado a estes transe e por isso não perdeu a serenidade.

— Saia cá para fóra! Ordenou o marido da D. Ermelinda, que entretanto tinha desmaiado, como nos romances acontece ás adúlteras surpreendidas.

— Não se incomode, estou aqui muito bem—volvia o Leão, cortezmente.

— Saia daí, se é homem para outro homem!

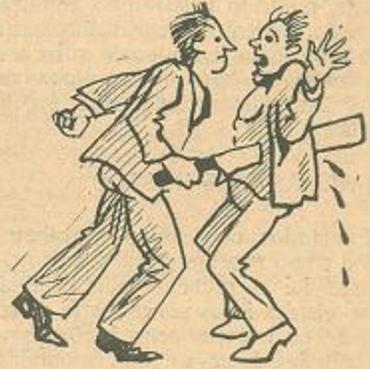
— Para tanto não serei, mas sou homem para outra mulher, e se o senhor tem mais alguma, diga onde ela está.

O infeliz esposo, considerando que

a cabeça já lhe não servia para nada, perdeu a, e matou o Leão com a navalha de aparar os calos.

Em memoria do infausto acontecimento, o esposo matador mandou curtir a pele da sua vitima para um tapete, e hoje, quando a D. Ermelinda recolhe á cama, tem de pôr os pés sobre a pele do seu adorado Leão.

A outra pele antiga, que fazia de tapete aos pés da cama, serviu para meter dentro o corpo esfolado do infeliz



Leão, que ainda hoje, nesse trajo, figura embalsamado no museu zoologico da Escola Politécnica, com a pata pousada sobre um cabrito e a lingua de fóra, como quem diz que pagou pela lingua.

XISTO JUNIOR

Movels e Estofos
Ao Confortavel

DE
NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º
LISBOA

PRONTO REMEDIO



— Ora está acabou-se nos a gazolina a meio do caminho!
— Não tem importancia. Tira a que tenho aqui no bolso.



muito lida em romances baratos, exclamou, como as heroínas dos folhetins:

— Meu Deus, estou perdida!
Entretanto a criada abria a porta e o marido da D. Ermelinda investia como um só homem para o quarto, lo-

LOGICÃ



— Como se chama o discarso duma pessoa isolada?
— ... não sei, senhor professor.
— Mareloço. E se forem quatro pessoas?
— Ocar ... oca, fogos ...



MUNDO NOVO — romance de Ana de Castro Osório.

Subscreve esta obra um dos mais venerandos e respeitáveis nomes literários femininos, o nome duma escritora que representa um notabilissimo exemplo de constancia e de fé na verdade do seu ideal. A Senhora D. Ana de Castro Osório, atravez duma vastissima obra de bela intenção social e educativa, obedeceu sempre ao mesmo sentido espirital e defendeu sempre, sem um instante de desânimo, a mais sagrada das causas. Se como renovadora do maravilhoso de criação popular, o seu labor literario é digno de toda a simpatia, como propagandista de nobres ideais, a sua obra merece o maior reconhecimento de todas as mulheres portuguesas. Nesta hora decisiva, neste momento em que, em todo o mundo culto, a causa feminista vive a sua maxima probabilidade de triunfo, a illustre senhora traz a publico um romance de tese social que tem a melhor oportunidade.

Terreza LEITÃO de BARROS.

ALVES & GUERRA, L. DA

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 5496 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49
ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43
LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Curiosidades

A ORIGEM DOS «HURRAHS»

Segundo varios etimologistas, o *hurrah*, que os ingleses e muitos outros povos empregam como uma especie de *viva*, sempre que querem prestar homenagem a alguem ou a qualquer acontecimento, era o grito de assalto dos mongoes. A palavra compunha-se de dois termos *hou* e *ra*, que significam *viva agual*. Os franceses empregam ás vezes a palavra *hourra* para designar um ataque, uma carga de cavalaria, etc.

AUTOMOVEIS PRESOS

Numa cidade da California acaba de ser tomada uma curiosa medida, para obviar aos desastres automobilisticos. Dórvante, quando um accidente causar mortes ou ferimentos, já não será o *chauffeur* que será condenado á prisão, mas sim o automovel. Os juizes pensam que, assim, o automobilista, reduzido pela força á condição de peão, poderá reflectir maduramente sobre os inconvenientes de guiar sem prudencia. E' claro que as multas em favor das vítimas continuam a ser impostas.

AS ALMAS E OS ROSTOS

Em todos os tempos se olhou o rosto como espelho da alma, mas Aristóteles foi o primeiro que exprimiu com clareza idéas sobre a arte de conhecer os homens pelas feições e pelas atitudes. Julgava que as fisionomias que oferecem semelhanças com as de certos animais indicavam tendencias proprias desses animais. Este assunto foi tratado por Adamantius, medico do seculo IV, por P. d'Abano, Cardan, Lescot, Lachambre, J. B. Porta, e finalmente por Camper, que media o grau da intelligencia pela abertura do angulo facial. O pintor Lebrun fez uma serie de «croquis», que mostram a relação do rosto humano com o de certos animais. Mas o assunto foi sobretudo popularizado pela obra «*Essais physiognomiques*» de Lavater, publicada no fim do seculo XVIII.

Como Aristóteles, compara as diversas fisionomias dos homens ás dos animais cujos habitos são mais conhecidos, e tira disso algumas conclusões respeitantes ao caracter.

O estudo das fisionomias oferece o mais vivo interesse e pode mesmo ter uma verdadeira utilidade, mas deve ter-se sempre em linha de conta as alterações que a educação, a vontade e, sobretudo, a dissimulação podem operar.

UM DEDO CARO

Um pianista americano, Alexandre Stock, pediu 100 000 dólares (dois mil contos) de indemnisação, a um *chauffeur* de «taxi» que lhe entalou um dedo, na portinhola do carro, obrigando-o a sofrer a necessaria amputação. Que ponham aqui os olhos os *chauffeurs* que hajam de conduzir a qualquer ponto o sr. Viana da Mota ou o sr. Alexandre Rey Colaço!

A EXPOSIÇÃO «MARIA ANTONIETA»

Não preciso momento em que o governo francês se resolve a um acto de força contra os monarchicos da *Action Française*, prendendo o mais prestigioso dos chefes realistas—o violento Léon Daudet (recentemente evadido da prisão da Santé), um grupo de homens de letras e eruditos faz abrir, na Biblioteca de Versailles,—onde em 1783 foi assinado o tratado da independencia da America, uma exposição destinada a evocar o passado ainda brilhante da França de Luís XVI.

E' uma exposição consagrada a Maria Antonieta e á sua côrte. Nela revive, atravez de mil objectos de precioso valor historico, toda a vida da pobre arquiduezesa austriaca, que a ferocidade dos homens arrastou ao cadafalso, na hora mais negra de toda a historia da França.

Varios retratos mostram-nos Maria Antonieta, aos quinze anos, com o sorriso ingenuo e fresco que lhe iluminava o rosto, ao entrar em Strasburgo para desposar o herdeiro da corôa. Ao lado, aparece o registo de casamento na paróquia de Notre Dame, com a sua assinatura infantil, sob as de Luiz XV e do Delfim, sobre as dos principes de sangue... Desenhos de Moreau, o Moço, mostram na sua grande hora de popularidade.

Maria Antonieta foi a mais retratada das rainhas de França e por isso é notavel a serie de retratos reunidos na exposição, onde, propositadamente, não figuram os mais conhecidos. Aparecem retratos assinados por M.^{me} Vigie Le Brun, Drouais, Duplessis, Brun (pintor suiço), Wertmuller (sueco), abrangendo toda a vida da soberana, que sempre conservou o seu porte magestoso e cheio de sereno encanto.

Documentos de caracter menos official deixam adivinhar a vida intima da soberana, as suas predilecções em literatura e musica, o seu gosto pelos bordados, gosto que nem na prisão abandonou, pois que a Historia nos diz que os seus algozes a privaram do inocente entretenimento de bordar, com receio de que a agulha lhe servisse para traçar sinais de entendimento com os seus amigos.

Um quadro a *gouache* de Van Blarenbergh mostra-nos a rainha passeando com os seus filhos pelos jardins do Trianon, essa deliciosa moradia onde o povo julgava que ela levaria uma vida de prazer, quando apenas procurava o esquecimento do pesadissimo fardo de grandezas que lhe pesava sobre os ombros.

Em volta das recordações da rainha vêm-se as dos seus mais doces e fieis amigos, desde sua cunhada e última confidente—M.^{me} Elisabeth—até á lindissima princesa de Lamballe, a martir da canalha revolucionaria, sua grande amiga de todos os instantes, não esquecendo a duquesa de Polignac e o cavalheiresco Ferseu que, até ao derradeiro instante procurou salva-la.

A última sala da Exposição deixa confrangidos todos os corações bem formados: E' a sala consagrada ás recordações da Revolução. Nela se contem, entre outras preciosidades, o dilacerante adeus da rainha á duquesa de Polignac, a quem manda sair de França, temendo a vingança popular, após a tomada da Bastilha. Aparece uma simples maleta mandada executar para levar os objectos indispensaveis, na viagem de fuga tristemente interrompida em Varennes. Surge a tabaqueira de madreperola que Luís XVI, durante a viagem, entregou a M.^{me} de Tourzel, e onde ha uma miniatura de Maria Antonieta. Depois, são as recordações do martirio. E' o retrato do pequeno delfim, num pastel de Ducreux que, pela primeira vez, nos mostra a verídica imagem dessa desgraçada criança de sete anos, a quem os seus captives levaram á maior degradação fisica e moral, obrigando-a a difamar sua propria mãe que foi, por acaso, a melhor das mães e recusou salvar-se para não abandonar os filhos. Um bilhete de Maria Antonieta ao cavalheiro de Jarjayes prova que recusou a evasão já preparada, porque só a ela podia aproveitar.

Os franceses mais jacobinos sentem, com certeza, contemplando esta emocionante exposição, aquilo a que um notavel periodista chama «o remorso retrospectivo». Porque se é discutível a acção politica da última rainha de França, ninguém já hoje nega que essa soberana não mereceu o doloroso suplicio de quatro anos, que sofreu com tão nobre estoicismo.

Entre todos os objectos reunidos na exposição, ha um, contudo, que emociona ao ultimo ponto, que emociona mais do que a vista das chinelinhas de seda azul celeste, mais do que a luva do pequeno delfim onde sua pobre mãe escondera uma madeixa de cabelos e um retrato do principe. E' a suprema súplica escrita sobre uma folha dum pequeno manual de orações («office de la divine Providence»), que, em 1912, foi oferecido á biblioteca de Châlons-sur-Marne pelo seu ultimo possuidor. Eis essa angustiosa súplica: *Meu Deus! Tendê piedade de mim! Os meus olhos já não teem lagrimas para vos chorar, meus pobres filhos. Adeus, Adeus! — Maria Antonieta.*

A exposição tem recebido milhares de visitantes, que não cessam de louvar a iniciativa dos «Amigos da Biblioteca de Versailles» e sobretudo do organisador de tão curioso mostruario, o visconde de Fontenay, conhecido diplomata, que foi generosamente coadjuvado pelos duques de Doudeauville, de Blacas e de Gramont, pelos academicos Henri Lavedan e Pierre de Molhac, pelo principe Suetto de Bourbon—Parma, pela princesa de Francigni—Lucinge, pelo duque de Polignac, e por muitos outros proprietarios de objectos que pertenceram á malograda soberana cuja historia, «desde o primeiro sorriso até á última lagrima» —na conceituosa expressão de Heunet de Goutel—agora se contém entre as paredes apaineladas da rica biblioteca de Versailles.

A PRIMEIRA BIBLIOTECA POPULAR

Franklin, simples operario impressor, encontrando-se com uma duzia de companheiros, teve esta idéa: «Cada um de nós possui um livro; se os puzermos todos juntos, cada um terá doze livros; juntemos cem, duzentos, trezentos e teremos cem, duzentos, trezentos livros á nossa disposição». Era uma idéa prática. Assim foi criada a primeira biblioteca popular, que é hoje a Biblioteca de Filadelfia, com perto de um milhão de volumes. Em 1860, um operario litografo, Gerard, applicou, em França, a idéa de Franklin, e fundou, no terceiro bairro de Paris, a primeira biblioteca popular francesa.

COMO SE GASTA A VIDA

Um estatístico inglês, o sr. Everell, calculou que uma vida de setenta anos se gasta assim: Sono: 24 anos, 9 meses e meio; trabalho: 11 anos e 8 meses; divertimentos: 11 anos e 8 meses; alimentação: 5 anos e 10 meses; locomoção (viagens, etc.): 5 anos e 10 meses; toilette: 2 anos e 11 meses; ociosidade: 1 ano, 5 meses e meio; diversos: 1 ano, 5 meses e meio; falar: 1 ano, 5 meses e meio; tempo perdido: 1 ano, 5 meses e meio.

CÃES QUE NÃO LADRAM

Dizem de Olympia que um negociante de cães, desta cidade, obteve, pelo cruzamento do cão vulgar e do cão de tiro siberiano, uma nova raça, que tem a particularidade de produzir cães incapazes de ladrar. O unico som que emitem é uma especie de uivo, e sómente quando estão com fome. Fóra disso, esses animais são mudos como uma girafa, o mais silencioso animal da criação, não contando com a carpa...

TRÊS NOVAS DANSAS

Um bailarino egipcio, da companhia de Cecilia Sorel, bailou ante o Sindicato de professores de dança de França de Paris, três novas dansas, importadas da America do Norte e que devem fazer furor, no proximo ano. Chamam-se: *heebie jeebies*, *new blues* e *new-black bolton*.

A segunda compõe-se de seis passos e dança-se com a mão direita sobre o coração e fazendo grandes paragens, acompanhadas por um harmonioso tremor de todo o corpo.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

O 'AZ' DA REVISTA

ALICE OGANDO

cá por dentro



Carlos Leal, o popular e querido artista a convite de Nascimento Fernandes, vai entrar na revista do Politeama, «A Aldeia dos Macacos». Auzenda d'Oliveira será a arqui graciosa «vedeta».

A frente da companhia Alexandre d'Azevedo—Carlos Santos — que ficará sendo um dos nossos melhores elencos de declamação—figura o nome festejado de Alice Ogando, viuva de André Brun, o nosso saudoso companheiro.

Alice Ogando, que estava decidida a não trabalhar tão cedo em teatro, tendo regeitado contractos tentadores, acedeu finalmente ás solicitações que lhe fizeram Alexandre d'Azevedo e Carlos Santos. E' que se trata de uma companhia de primeira ordem e de nomes que oferecem toda a garantia, não só pelo seu passado artistico, como pelo programa de arte a que se propõem.

Alice Ogando enquadra á maravilha no novo e brilhante elenco. Felicitamo-lo, dando tambem parabens a Alexandre d'Azevedo e Carlos Santos pela aquisição da distintissima actriz, declamadora e poetisa.



O THEATRO EM CRISE

A cura completa em doze consultas AS VERDADES DE JUSTO CARTILHA

JUSTO Cartilha, um nome que se não ajusta á figura irregular, angulosa do querido amigo que temos a honra de apresentar hoje aos leitores do «Domingo Ilustrado», é um impenitente servidor do Teatro, digamos nacional, e malquistado dos actores pelo seu profundo sentimento de justiça.

Se Justo Cartilha não tivesse estampada no rosto uma permanente expressão de tristeza, diríamos que era um grande pandego, tais as verdades crudelissimas que ele esbanja pelas mezas dos cafés, a discorrer sobre o tema favorito.

Ouvimo-lo outro dia, e, de embevecidos, emprazámos o nosso querido amigo a dizer para o «Domingo Ilustrado»

UMA VERDADE POR SEMANA

Sabemo-lo incapaz de uma traição aos seus ideais, aquilatamos do bom senso que preside ao enunciado da mais leve opinião sua.

Prometeu-nos Justo Cartilha travar um pouco a sua exuberancia de linguagem, o ardor combativo com que expõe as suas «verdades», ainda em atenção aos leitores do «Domingo Ilustrado» e aos artistas em cujo meio conta bastantes amizades.

Devemos dizer que Justo Cartilha se dispõe a sacar a crise do Teatro, se derem ouvidos aos seus sábios conselhos na série de

DOZE CONSULTAS

cujá publicação se inicia no proximo numero.

Fala Justo Cartilha:

—A crise tem uma unica raiz, de mau caracter, concordemos Mas que se extirpa. O nosso teatro assemelha se como que a uma aldeia em que os sapateiros fôsem alfaiates; os alfaiates, farmaceuticos; os farmaceuticos, pedreiros; os pedreiros, medicos, e assim por diante...

... Ninguem ocupa o logar que lhe compete. Temos actores de revista a fazer comedia; artistas dramaticos pelas revistas; directores de companhias que deviam estar na fileira, e simples contratados que poderiam muito bem dirigir companhias...

...Mas ninguem quere seguir a carreira para que a natureza o fadou. Todos quere ser o que não podem ser.

Depois, os jornais, os reclamistas estragam tudo com a lisonja peçonhenta da vaidade. Interrompemo-lo nesta al'ura. «Por Deus, amigo Justo... Não se alongue em considerações malevolas...

—Não ha sombra de maldade. São considerações gerais ante o panorama desproporcionado que se desdobra aos nossos olhos. E' possivel que eu tambem tenha errado a minha vocação, mas isso não me impede de verificar os erros dos outros. Começemos pelos grandes... Qual ha-de ser?... Espere...

Justo Cartilha concentra-se. Pensa, cogita. De repente, como quem faz uma descoberta sensacional, exclama exalado. Chaby Pinheiro! Começemos por ele...

MAESTRO ARTUR TRINDADE



No Salão do Conservatorio, o conceito dos alunos particulares do illustre professor de canto constituiu um exito invulgar. Destacaram-se os nomes de Raquel Bastos, Ema Cordeiro, Laura e Elvira Garrige, Ester Buttuler e Maria do Ceu Foz.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pal dos cinemas lisboetas. Outros films, sempre variados e para todos os paladares de publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Varieda-Salão Foz des

A mais bela sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura de mais difficil repertorio internacional.

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranite — e mais crendor actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que uniu o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense da seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Padre Curas».

Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portugueza», grande revista.

Brevemente: «A Madragoa», com Ester Leão.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, deus grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tourides» triunfais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante de Parque Mayer. Actualmente «O Comissario da policia».

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco teatro de Lisboa. Alegria e arte.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Ramiro Pinto & C.

146, R. AUGUSTA, 148
TELEF. C. 1646-LISBOA

CANDEIROS EM TODOS OS ESTILOS
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS

Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se a acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL
De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

Olympia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Filas de primeira escolha. As grandes produções europias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de formas a torna-la a preferida do publico.

«**N**ÃO querará o senhor ir dar uma volta?»— perguntou a tia Marta ao sujeito que acabava de levantar-se da mesa. «O senhor cura acompanha-o?»...

O relógio da sala bateu as 9. Souza, tirando da algibeira o seu Omega, verificou que o tempo, naquela tranquila casa de campo, não era motivo de inquietação.

Quarenta minutos de atrazo!
—Não saio. Vou deitar-me—disse Souza.

—Tão cedo?!—volveu a tia Marta.— Olhe que lhe faz mal, senhor! Pelas alminhas! Olhe que pode ter um alvoroço de sangue, uma pessoa que comeu tão regaladamente como o senhor...

—Faço capazmente as minhas digestões, tia Marta. E preciso de me aproveitar da moleza em que me deixou o jantar, para dormir. Dormir... ao cabo de três semanas de insónias... três semanas em que não prego olho...

—Será possível haver alguém que passe três semanas sem dormir?! Que me diz Vocelencia?—perguntou, atônito, o padre Meireles, que se quedara á porta, a ouvir, depois de ter despachado o seu caseiro, que viéra, na forma de costume, receber as ordens para o trabalho do dia seguinte.

—Tal qual, reverendo! Eis o motivo por que vim aqui parar, a conselho do meu medico. «A montanha! A montanha!»—gritou-me ele. Terra sossegada, onde não haja *touristes* nem jornais, onde não se discuta politica nem *football*. Repouso absoluto, meu caro, e ficará curado». Foi assim que o meu medico me falou na ultima consulta que me fez, ao vigésimo dia de um sofrimento atroz... Ter sono e não poder dormir!...

—Teve algum desgosto muito grande—comentou a tia Marta, num ar de lastima, enternecida e curiosa ao mesmo tempo.

—Nem por sombras, minha senhoral

—Então é doença, não ha duvida, —disse o reverendo. E o medico não lhe poude descobrir! E' capaz de lhe ter diagnosticado um caso de neurastenia, que é a enfermidade que está na moda e para a qual os patifes receitam ora a montanha, ora as praias, de envolta com muitos banhos e muitos choques electricos e brometos e duchas e injeções... que sei eu!... bradava o bom Meireles, o vigário daquela aldeia beirã, o padre mais velho e mais bondoso das redondezas.

—Talvez seja neurastenia, sim... Ha coisas que me irritam, que me espicacam os nervos. Sempre assim fui, desde pequeno—explicou Souza.—Mas ultimamente, há coisa de 5 anos, vou-me deixando absorver por certos pensamentos. E—é curioso!—cada vez vou ficando mais distraído. Enfronho-me numa ideia e esqueço-me de tudo! Sou professor do liceu, como sabem. Pois ha pontos das minhas lições que não me saem da cabeça durante dias e dias. Ha três semanas deu-se esta coisa extraordinaria: Encaixou-se-me no craneo, não sei como, uma musica que eu ouvira cantarolar, na Avenida,

O homem que não podia dormir

As atribuições de um professor neurastenizado pela vida das cidades, Blague que pode ser verdadeira... Uma pagina de bom humor.

por u na tarde de Domingo, a um grupo de rapazes. Encaixou-se-me no craneo, não digo bem... Infiltrou-se-me no sangue! Até esta manhã, não pensei noutra coisa! O maldito estribilho andou cá dentro, a enfrensiar-me... Tinha medo de dar em doido!

«A toada dos rapazes foi o meu unico



—Para que estava ali Napoleão ao pé de N. das Dões?!

pensamento de todas as horas, de todos os minutos, durante dias e noites! Cantava-a, trauteava-a, assobiava-a! E não dormia! E não dormia! Cá está ela...

«Trá-lá-ri-lá-ri-lá-ri...
Trá-lá-ri-lá-ri-lá-rão!

O padre Meireles e a irmã, a tia Marta, deram razão ao professor Souza. Devia ir para a cama. E que sossegasse, que dormiria...

Despediram-se. Fecharam sem ruido o portão que dava para a estrada e meteram-se nos seus quartos.

Souza estava a cair de sono. Apalpou com volupia o colchão da larga cama de lençoes muito alvos, de linho... Que delicia! pensou. E num grande espreguiçamento, começou a despir-se. O quarto, muito branquinho, caiado de fresco, dispunha-o bem. A' cabeceira da cama, uma velha gravura do Senhor dos Passos... Uma outra imagem, encaixilhada, lá para o fundo do quarto... E que miniatura seria aquela que ele não distinguia bem, enegrecida sobre a cal da parede?...

Estava tonto de sono... Mas quiz ir vêr... Pegou no castiçal e aproximou-se...

Ah! Era Napoleão. Para que estava ali Napoleão ao pé de N. S. das Dões?...

Mas não queria pensar...
Pousou o castiçal na mesa de cabeceira, viu o relógio—onze horas e um quarto—e deitou-se. Apagou a vela.

Acendeu a luz. Que inferno! Para que estava agora a pensar em Napoleão? Consultou o relógio: Meia noite menos dez.

«Deixemos o grande Napoleão, que a estas horas deve estar reduzido a pó e pensemos neste socêgo ainda não sonhado... Que caminha fofa! E que lençoes alvos... são de linho, olá se são... Ah! Que bom! Que bem que se está! Ora até que enfim vou dormir a sono solto!...» —conjecturava assim flacidamente o nosso bom Souza, refastelando-se na larga cama. «Não ter aqui em que pensar... Que belo! Mesmo que quizesse pensar em qualquer coisa, não o conseguiria. Não ha em quê... O caso é que se não acudo a tempo, lá perdia eu uns minutos a pensar em Napoleão...

Afinal, como acabara tristemente o grande Napoleão! Em Santa Helena, nas mãos dos ingleses. Se não fôra a batalha de Rivoli... não, de Sédan... Qual Sédan!... Se não fôra a batalha de Austerlitz...

Apagou a vela. «Não pensemos em Napoleão, acabou-se!»

E Souza tapou a cabeça com o



—Mas como se chamará o padre?... Não e Guedes... não, não é...

lençol, decidido a dormir e a não pensar...

... que sarilho não ia ele arranjando, se se lhe encasquetasse nos miolos lembrar-se á força da desastrosa bata-

lha de Napoleão... E no fim de contas, uma coisa tão simples... que toda a gente sabia... «A batalha do Marengo... Qual Marengo...»

Souzela acendeu a vela. Olhou de novo para o relógio... Duas e um quarto... Parece impossível! E tudo isto por causa de Napoleão... Espera aí que eu já te arranjo! Vou lembrar-me da musica dos rapazes:

Trá-lá-ri-lá-ri-lá-rão!
Trá-lá-ri-lá-ri-lá-rão!...

E Souza apagou de novo, a luz.

«Agora é a musica, que não me deixa dormir. Antes pensar na batalha de Napoleão em que ele foi vencido pelo general inglês Nelson... Qual Nelson!

Pelo general inglês Kitchner... Não é Kitchner... E' Trafalgar... Mau, mau...—rouquejou Souza.—E esta! Olha que brincadeira!»

Apalpou os fosforos na meza de cabeceira, acendeu outra vez a vela, pegou no relógio. «Trez e meia! Ora a minha vida! Tenho uma ideia!» E muito contente, enfiou as calças, calçou os sapatos e de vela em punho veio á sala de jantar, procurou o corredor...

...Seria ali o quarto do padre?
Truz... truz... truz...

—Deseja alguma coisa? perguntou uma voz dentro do quarto.

—Reverendo Meireles! Tenha paciencia... E' que estou muito afrito sem poder dormir...

E' da doença, sabe... E' natural, é o primeiro dia... Perdoe-me importunalo. Mas eu precisava que me tranquilisasse. Terá a bondade de me dizer:

Qual foi a batalha em que Napoleão se deixou vencer pelos ingleses?...

—Essa agora, professor! Foi a batalha de Waterloo. Muito boa noite!

—Muito agradecido, reverendo. Muito boa noite! Desculpe... Ah! Até que enfim! Vou dormir! Waterloo... Duque de Wellington... Waterloo... Napoleão...

E com isto devem estar a dar as quatro horas.» O professor soprou a vela.

«Que ha-de pensar de mim o bom do padre, coitado? Que sou maluco! Tambem esta de acordar o reverendo por causa das batalhas de Napoleão... Não faz mal. Amanhã digo-lhe: Padre Neves... Não é Neves... E' Esteves.»

Acendeu a vela. Olhou para o relógio... «Cinco e meia... Que inferno! Que inferno! Que maldição! Agora é o padre... Diabos o levem!

Mas como se chamará o padre? Não é Guedes... não, não é...

Ah! Até que enfim! E' Peres, o que comandou a coluna do Norte.

Que tolice a minha! O homem não é militar! E' padre... Bom, amanhã lembro-me... Vamos a dormir... E apagou a luz...

E Souza, quasi a dormir, pensava:

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

**UMA RAPARIGA
ALEGRE**

*A desgraça quando chega
não se faz anunciada.
Entra a porta sem bater
e sai sempre acompanhado.*

Quadra popular premiada no Concurso do Diário de Lisboa.

vida durou meses. Encontravamos quasi todos os dias num leito de acaso, num quarto pelintra, onde a minha alma se gelava de tristeza. Mas eu começava a sentir a grande revelação do prazer e deixava-me levar até onde a minha curiosidade morbida me arrastava.

«Um dia, porém, vasculhando uns papéis velhos que encontrei numa gaveta, tive a primeira suspeita. Suspeita horrível, que me levou á cama, a arder em febre.

«Passaram mais alguns meses. O meu amante partiu para Africa, onde tinha negocios, prometendo casar comigo quando voltasse, depois de ter liquidado em Benguela os restos duma fortuna que foi diminuindo com a desvalorização lenta da borracha. Um ano depois, chegou a noticia da sua morte. E com a noticia veio uma carta do notario, participando-me que era eu a sua universal herdeira, por constar duma certidão de idade depositada no seu cartorio que eu era a filha unica da-

TODOS a julgavam uma rapariga alegre. Todos os que conviviam com ela em noites de boemia, em que a alegria é alimentada a alcool e arde no ambiente com uma chama acalorada e efémera—tal qual como o golo de aguardente que se atira para o fogo.

Mas ninguem suspeitava que por detrás daquela alegria postiça, que ela exaltava propositadamente para esquecer, se escondia uma grande magua, que lhe roubava o sono e cavava mais fundo uma ruga que tinha na face desde então.

Conheci aquela rapariga sempre alegre. Mais tarde, soube por que preço ela comprava a alegria com que se mostrava a toda a gente.

Foi numa noite em que a acompanhei a casa—e nunca mais me esque-

fatalista, exercia sobre ela um poder misterioso, que a transfigurava sempre aos nossos olhos.

E os seus labios prostituidos, onde cantava eterna a musica dos beijos, tinham áquela hora da noite um encanto virginal, uma suavidade pura de madona que sorria para Deus.

Foi neste estado de alma enlevada para o ceu, neste estado de graça em que eu a via pela primeira vez, que ela começou a contar-me a sua historia:

—A vida é amarga para uma rapariga como eu, que é obrigada a sorrir quando tem vontade de chorar, e que precisa de simular o gesto sagrado do amor para viver. Você supõe, como toda a gente, que sou uma rapariga alegre. Engana-se, meu amigo. Sou triste, triste como uma noite sem lua, ou como um amor sem esperança.

Os seus olhos tinham um brilho liquido que me enterneceu. Ela continuou:

—A vida é amarga... Quantas vezes, em ceias de rapazes esfusiantes de alegria, tenho pensado num fim triste! A superfície duma taça de champagne evoco sempre o primeiro episodio da minha vida que me arrastou insensivelmente para o abismo. E' por isso que eu odeio o champagne. E' uma bebida falsa, dissolvente, venenosa como o anidrido carbonico que se desfaz em espuma á superfície da taça.

Os seus olhos fecharam-se—para recordar:

—Eu era uma criança. Quinze anos apenas. Acabara de sair do collegio, onde não me tinham ensinado nada de util para a vida. Frequentava por esse tempo a nossa casa um amigo da minha familia, que me rodeou sempre de mimos e de carinhos. Quando voltei do collegio e os meus pais me procuraram uma ocupação compativel com as minhas habilitações e a minha idade, o amigo da familia interveio e aconselhou meu pai a não me entregar ás contingencias perigosas duma vida onde ia gosar uma certa liberdade, mostrando-me os perigos que daí podiam resultar para uma rapariga de imaginação exaltada como eu era nesse tempo.

«Meu pai condescendeu e eu fiquei em casa, onde ajudava minha mãe nos trabalhos domesticos. Aquele homem, que era a visita quasi diaria da nossa casa, começou desde então a olhar-me duma maneira diferente. Já não eram as mesmas caricias, nem os mesmos beijos que se dão a uma criança. Com quinze anos, eu era mulher. Começava a sentir. Deu-se o inevitavel.

Calou-se um instante, para ganhar coragem, e depois proseguiu:

—Vou revelar-lhe agora o meu segredo. Guarde-o bem, como se guarda a hostia sagrada num sacrario. Aquela



«Um dia, porém, vasculhando uns papéis velhos que encontrei numa gaveta, tive a primeira suspeita.»

quele homem — que tinha sido meu amante.

A rapariga alegre calou-se. Eu não disse uma palavra. Os seus olhos estavam inundados de lagrimas. Quando lhe passou a crise, concluiu a sua historia:

—Faz-me a justiça de acreditar que não toquei num centavo da herança. Fugi de casa, daquela casa que me esmagava com o seu peso, e onde não podia ter mais um minuto de sossego. Vim esconder na alegria a minha magua. Depois, fui como todas... Segui o meu destino... Já vê como sou uma rapariga alegre...

NORBERTO LOPES

DESASTRE



—Imagina que o Melgulades ia com a familia num automovel e calava num atoleiro enorme! —Coitado! E pelo menos o carro tinha guarda-lamas?



Foi numa noite em que a acompanhei a casa e ela me revelou o seu segredo.

erei do seu sorriso triste!—que ela me revelou o seu segredo. Vamos a pé. Haviam um luar doce, que é sempre propício ás confidencias, a escorrer pelas folhas das arvores como uma chuva de prata. As almas, como certas plantas sensitivas, abrem a sua corola ao luar e só nessa hora delicada e romantica nos deixam aspirar o perfume que envolve as suas pétalas misteriosas.

A alma daquela rapariga vinha embriagada de sonho e de melancolia. A fadada morbida do fado, dissolvente e

«Que me preocupasse Napoleão, compreende-se, porque era um grande general...

... Mas que o sacrista me tire o sono, não se admite.

Ora não querem lá ver o padre Felix! Não é Felix! E' Linhares! Qual Linhares! E' o padre Caldelas!

Ora esta! Bem, acendamos a luz mais uma vez!»

Mas não era mais preciso. Dia claro. Oito horas da manhã! Bateram á porta. Era a tia Marta com o café e estas santas palavras:

—Então, o sr. Souza conseguiu, enfim dormir toda uma santa noite...»

Adaptação livre de um conto roumaico por

CARLOS ABREU

SEGUNDO CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA



Grupo geral de "Congressistas" tirado no Palace Hotel—Vidago. (Foto Alberto Alveri)

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-

CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CASAS PALAVRUCRUCADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c LISBOA

N.º 7
5.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

10
JULHO
1927

Apuramento do n.º 1 (5.ª SÉRIE)
COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

REI FERA

N.º 10 3 Votos

N.º 8, de JAMENGAL 2 votos
N.º 20, de EURISIO 2
N.º 1, de VISCONDE DA RELVA 1
N.º 17, de VIRIATO SIMÕES 1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPÊ, VIRIATO SIMÕES

Com 20 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

EURISTO (16), D. SIMPÁTICO (15), FRANCOERQUE (13), JAMENGAL (11), DAMIÃO (10).

OUTROS DECIFRADORES

RENANDOF (8), SPARTANUS (7), OADUROMA (4), PINTO LEITE, VISCONDE DA RELVA (1).

DECIFRAÇÕES

1—embelgado, 2—corneta, 3—codeada, 4—agencioso, 5—chincado, 6—filhote, 7—esinge, 8—prefido, 9—suxado, 10—TRASFOLEADA, 11—evadida, 12—enrolado, 13—portanto, 14—secante, 15—picaroto, 16—galupar, 17—engrolador, 18—escomardo, 19—aclina, 20—mocho.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 17, de VIRIATO SIMÕES, com 4 decifradores.

DEDICATORIAS

PINTO LEITE e VISCONDE DA RELVA, decifram o que lhes foi dedicado.

ERRATAS

No ultimo numero, na charada n.º 3, o primeiro conceito é agora. Na charada n.º 7, a numeração é 3-2.

ONARADAS EM VERSO

1 Revolve o teu olhar, eis cinca figura,—
Estampada a sorrir numa toca moldura
Manchaada pelo pó, comida pela traça...
Quero ver esse riso alvar e dissoluto,
Aspirando o prazer dum sonho aspera e bruto
Para ver e sentir o gosto da desgraça!

Mostra, agora, esse ar que a negra sepultura
Arrancou-te, sem dor, repleto de candura,—
Escondendo, por fim, a tua leve graça...
Quero ver, quero ver aquela linha pura
Que pairava a unir a tua face impura
A esse celo teu que não se abre em faça!

Ontora, fôste tu, a palida rainha,
Reismadora e cruel que, sobre a fronte, tinha
Um diadema de amor... agora destruído...
Sucumbiste—vê lá! e esse quadro esquivo,
Sem linhas e sem cor, é um fantasma vivo,
Na corrida fatal do tempo revolvido!

Dafundo D. SIMPÁTICO
CHARADAS EM FRASE

2 Quem faz ostentação de seus méritos, não calcula onde pode chegar a maldicencia.—2-1

Lisboa AFRICANO

3 No algodoeiro obtenho gratuitamente o «insecto».—2-2.

Cascais ANELE

4 Quem examina demorada e hesitantemente, as varias contingencias que a vida nos oferece, arrisca-se muitas vezes a perder uma boa occasião.—2-1

Lisboa BAGULHO

5 Além, naquella «terra portuguesa» deixei uma almofada.—2-2

Lisboa CALTAR

6 Machina a forma de levantar a cimalha sem o auxilio dos aprestos militares.—2-2.

Lisboa D. VASCO

7 Desconfia sempre duma mulher que, a proposito de qualquer coisa, se manifesta encavacada.—4-1.

Coimbra FRANCOERQUE

(Ao illustre «Auleto», com vistas ao s/a «carissimo» jogo do «Magg Jong»)

8 Nem sempre o que se apraz muito num trabalho produz tarefa aperfeiçoada.—3-1.

Lisboa JAMENGAL

9 Por causa dum pequeno pão de ló, houve, á entrada da festa, uma discussão violenta.—2-2.

Lisboa MINDOOS

(Ao amigo «Poloronoff», agradecendo a sua recente «Marauto»)

10 Conheci, em tempos, uma pessoa de mau caracter que matou um porco, misturando-lhe uma pequena porção de veneno na lavagem.—2-1.

Porto RENANDOF

11 Quem leva o gado a pastar de noite não deve ter pena de ter passado a noite em malhada.—4-1.

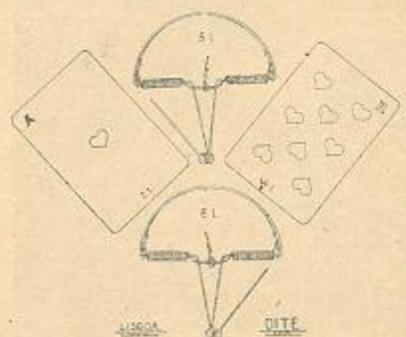
SATURNO

(Mais uma vez á nunca esquecida «Marianita», minha dedicada protectora)

12 É digno de «cessura» todo aquele que não sinta pena de a ter investido.—3-1

Lisboa VISCONDE DA RELVA

13 ENIGMA FIGURADO



CORREIO

FOFORONOFF, RENANDOF — Queriam notar que não adoptamos o dicionario de Albano de Sousa.
ROCHA RAMOS, R. e R. MECHILHÃO—Rogo a fineza de enviarem a notação das listas referentes ao n.º 4 (5.ª Série), para me ver obrigado a anulal-as. E produções?

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção, deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c, Lisboa—Norte.

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 127

HORIZONTAIS.—1 Ariadne, 2 casadas, 3 longa, 4 bol, 5 aceda, 6 inda, 7 fruto, 8 Aviz, 9 açalhei, 10 Aparição, 11 dó, 12 renda, 13 an, 14 padas, 15 acuas, 16 sorris, 17 abrias, 18 si, 19 iró, 20 mi, 21 dominó, 22 arriar, 23 anaça, 24 areal, 25 na, 26 abaco, 27 és, 28 abcesso, 29 alfojre, 30 irar, 31 one-ra, 32 roes, 33 reine, 34 ara, 35 atrás, 36 esmoler, 37 recessos.

VERTICAIS.—1 aliadas, 38 ronco, 39 inda, 40 agaluar, 41 dá, 42 ebriés, 2 cl-tada, 43 Sá, 44 acaroar, 45 devi, 46 adica, 47 sazonas, 47-A ou, 47-B opaca, 7 fé-ras, 14 prima, 48 Diana, 49 ubere, 50 simil, 51 oso, 52 uro, 53 aia, 21 donaire, 54 inverno, 55 ocase, 22 aro-la, 56 raporte, 55-A resesso, 57 abonar, 24 acarar, 58 abres, 27 ereos, 59 patife. 61 fóro, 62 er, 63 el, 35 a. c.

PROBLEMA D'HOJE

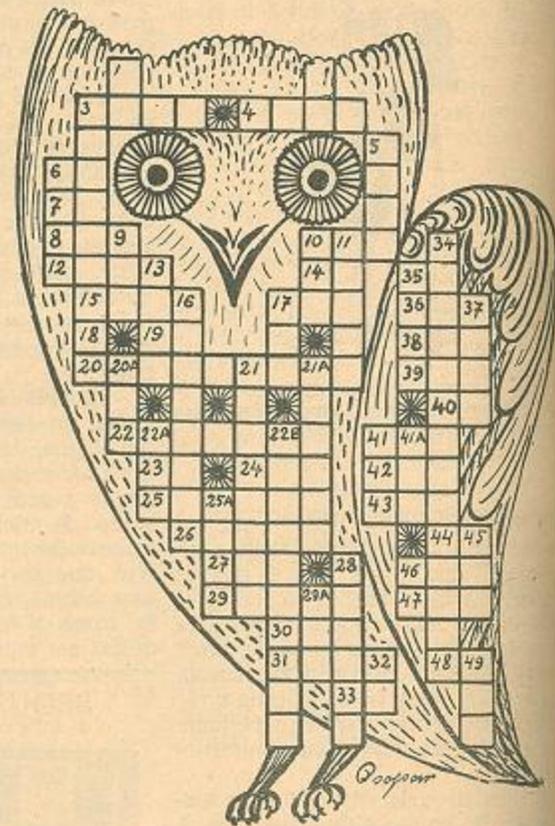
Original do nosso illustre colaborador «Osopar».

HORIZONTAIS.—3 «ave domestica», 4 «flôr», 6 fluido, 7 folga, 8 orla, 10 corrente, 12 não vulgar, 14 «preposição», 15 lodo, 17 «nome de homem», 18 500, 19 isolado (inv.), 20 ridicula, 22 colocado, 23 «nota musical», 24 anserama de «LER», 25 recolhe, 26 «n-feitar, 27 oxido de calcio, 29 anagrama de «ALHOS», 30 gemidos, 31 época, 33 está alegre, 35 duas letras seguidas no alfabeto, 36 liga, 38 possuir, 39 trez letras de «DENTE», 40 piedade, 41 acolá, 42 trez letras de «MIDAS», 43 nas aves, 44 ruína, 45 aproxima-se, 47 «medida de tempo», 48 «nota musical» (inv.).

VERTICAIS.—1 «batraquiu», 2 «caria de jogar», 3 «Paladino da unidade italiana», não digo, 6 sulcar a terra, 9 altar, 10 analise (inv.), 11 sacrifica, 13 affecto, 16 natural drama das cinco partes do mundo, 17 anagrama de

QUADRO DE HONRA

VAGO



Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela 57, (esquina da Rua Miguel Lupi).

L C SMITH

A maquina de escrever que pela sua resistencia e rapidez todos preferem

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

Fedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

THE MODERN OFFICE LTD.

107, R. DO ALECRIM — TEL. T. 68



VARIA

a segunda travessia do Atlantico

Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO

A festa de Agostinho Coelho deixou satisfeita a «aficion» que ha muito não assistia a uma lide brilhante como a que se executou na segunda parte da corrida de domingo passado, para a qual concorreu bastante a primorosa «faena» dos espadas «Marcial Lalanda», «Barajas» e «Bejerano», bem como o trabalho superior de Simão da Veiga Junior, que se despediu do toureiro, em Portugal, com uma apoteótica ovação, como raras vezes temos visto na Praça do Campo Pequeno.

Os touros de Miura, de má apresentação e reles fereza,—cá e lá, más fadas há...—á excepção do lidado em segundo logar e toureado na primeira parte, iam comprometendo a corrida, que seria desastrosa se não viessem depois do intervalo as belas rezes dos nossos reputados lavradores Emilio Infante da Camara e Norberto Pedroso, chamados ao rondel e justamente ovacionados pela numerosa assistência que quasi encheu a praça.

Simão da Veiga, depois de ter cravado boa ferragem comprida e curta, no 6.º touro de Emilio Infante, foi mudar de montada e colocou dois soberbos pares de bandarilhas, com as duas mãos, sem auxilio das redeas, sendo admiravel a obediencia do cavallo ao simples manejo de pe nas do cavaleiro. Nesta altura começou o entusiasmo louco da corrida, que se manteve até final.

No 7.º touro, de Emilio Infante, o espada «Marcial Lalanda» desenhou belos passes de capote, cravou dois bons pares de bandarilhas e com a muleta executou uma faena esplendida. Segue-se o 8.º touro, de Norberto Pedroso, destinado ao espada «Barajas», que esteve superior com as bandarilhas e muito bem de muleta.

O 9.º touro, de Norberto Pedroso, coube a «Bejerano», que satisfiz plenamente. Este novel matador de touros, que suplantou os seus colegas, num excelente «mollinete», retribuido com uma fervorosa ovação, agradou bastante com o capote e com a muleta, não tendo sido muito feliz em bandarilhas.

Finalmente, o ultimo touro, um Miura «destrambelhado» e «de vistas curtas...» lidado a só por Agostinho Coelho, foi mimoseado com uma boa gaiola, seguida de tres valentes pares e... uma ovação ao festejado.

Os campicins amadores executaram duas pegas de cernelha e a direcção da lide a cargo de Manuel dos Santos, boa como sempre.

Para hoje prepara-se uma corrida organizada por um grupo de amigos e admi adores dos velhos toureiros Jorge Cadete e Manoel dos Santos, com um cartel escolhido, bastando para o recomendar a estreia de uma ganaderia com touros de superior qualidade.

ZÉPEDRO

MOSAICOS

A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico

GOARMON & C.A

A maior fabrica do pais

Escritório:

Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 21
Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA

Azulejos—Louça sanitaria—Cimentos

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Pedir catalogo e preços
Telefone C. 1442

REVENDAS DE LAMPADAS E MATERIAL
GRANDES DESCONTOS

116, 1.º—Rua do Crucifixo, - 116, 1.º

Telefone C. 570

ções, incunhadas de egoistas. O primeiro piloto escolhido por Chamberlin fora Lloyd Wilson Bertand, que levaria a bordo, como imediato, o proprio Chamberlin. Divergencias entre Bertand e o capitalista levaram o primeiro a renunciar ao «raid», que passou a ser dirigido pelo seu imediato.

Levine e Chamberlin re olveram voar até



A mãe de Nungesser, o heroi francês da málg e da travessia do Atlantico, no precioso momento em que recebe a noticia de que está perdido o Oiseau Blanc.

esgotarem a essencia e, de facto, o seu avião —baptizado com o nome de «Miss Columbia»—se não chegou a Berlin, por se ter perdido, devido ao nevoeiro, sobre o territorio alemão. voou até esgotar o combustível, pousando, ás 5 horas da manhã de 6 de Junho, em Bischofshofe. A sua viagem fizera-se sem quaisquer incidentes. Saindo de New York ás 11 horas e 5 minutos da manhã de 4 de Junho, foi visto ao largo de Halifax ás 19 horas e 4 minutos e sobre a baía dos Mortos, na Terra Nova, ás 23 horas e 50 minutos do mesmo dia. Até o fim do dia seguinte ninguem o viu, mas ao terminar esse dia avistaram-no, do paquete «Mauritania», voando a S. O da Irlanda. A's 21 horas e 30 minutos estava sobre Plymouth. Na madrugada de 6 pousava em terra alemã. A sua velocidade média fora de 155 quilómetros á hora.

Parece que os aviadores se dirigiram para a Alemanha por ser este o pais europeu onde a aviação comercial está mais desenvolvida e onde a rede de comunicações aereas é mais completa, possuindo uma base aérea, a de Flugplatz Tempelhof, que é a maior e mais moderna do mundo.

As esposas de Levine e de Chamberlin vieram ter com seus maridos á Europa. A primeira ignorou até o ultimo instante que seu marido tomava parte na viagem.

MOVEIS

GRANDE SORTIMENTO de mobílias de quarto, casas de jantar, escritorios, sa'as em diferentes esóilos e madeiras.
DECORAÇÕES. Sortido de tapetes, carpetes, oleados, cortinados, etc.

MOVEIS DESIRMANADOS; toilettes, guarda-vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc.

Preços sem competencia
ARMAZENS BARROCA—31, Rua da Atalaia, 35—Telefome: Trindade 1095

ARMAZEM

DAS LAMPADAS

Instalações electricas

A America do Norte vive a sua grande hora de triunfo. Os Estados Unidos estão senhores do ar, como a Inglaterra está senhora do mar. A aviação civil americana acaba de demonstrar ao Velho Mundo que chegou o momento de abandonar os projectos exclusivamente bellicosos e que o segredo do triunfo nos ares reside muito menos na obtenção de aparelhos com motores de 600 cavalos do que na utilização de aparelhos de muito mais reduzida potencia motriz, mas c.m o espaço para grandes cargas de combustivel.

A America não só venceu como soube vencer. Lindbergh, o moço d: sorriso infantil e olhos de boneca de louça, deixou um amigo em cada parisiense. A sua visita á mãe de Nungesser, o abraço que o prendeu a Bleriot, o esquecido heroi da travessia da Mancha, foram dois gestos da mais inteligente diplomacia. A França esqueceu o retumbante fracasso de Fonck, o seu «az» da aviação de guerra que, embora auxiliado por capital americano e pela sci'ncia do engenheiro russo Sikorsky, não conseguiu sequer despegar com a carga total. A França esqueceu a tragica aventura de Nungesser e Coli. A França sorriu ao sorriso claro de Lindbergh, o heroi casto, cheio de espirito religioso e da melhor tempera desportiva.

Lindbergh, ao descer no aerodromo de Bourget, ganhava o premio Orteig de 25.000 dolares (500 contos) e batia o record de distancia que, durante o ano de 1926, estivera sucessivamente nas mãos dos aviadores franceses Arrachart (Paris-Bassorah—4.305 qm.), Civier (Paris-Omsk—4.716 qm.) Challe (Paris-Bender Abbas—5.174 qm.), Costes (Paris-Djask—5.450 qm.). Lindbergh percorreu 5.850 quilómetros, mas, como trazia ainda 322 litros de essencia, poderia voar ainda mais de 1.000 quilómetros, se não quizesse aterrar em Bourget.

Quinze dias depois desta maravilhosa façanha, o piloto Clarence Chamberlin, tambem norte-americano, batia o «record» de Lin-



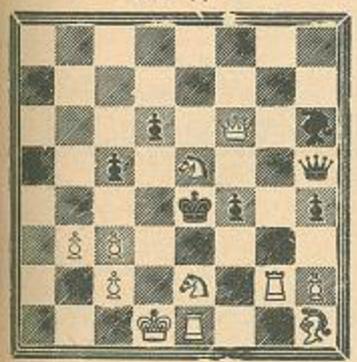
Levine á esquerda e Chamberlin, ao chegarem a Berlin.

bergh, percorrendo 6.500 quilómetros, de New-York (aerodromo de Roosevelt Field) a Bischofshofe, perto de Eisleben, na Alemanha. A bordo do seu aparelho, um pequeno Bellanca—Wright de 200 H. P., pertencente á «Columbia Aircraft Corporation», trazia um passageiro: o milionário Levine, que custeava a viagem e que nela tomava parte, para pôr fim aos rumores que corriam sobre as suas inten-

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 130 - PROBLEMA
Per A. Ellerman (2.º premio «Bristol Times and Mirror» 926)
Pretas (7)

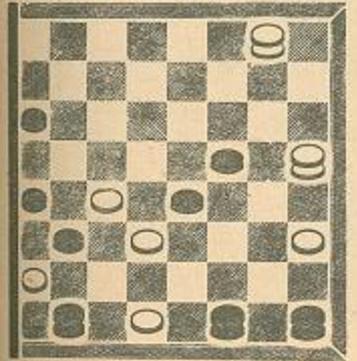


Branças (11)
Mãe em dois lances
Solução do problema n.º 129 (Müller)
1 T d 8-d 4, e 7-e 5; 2 B c 5-b 6
1... e 7-e 6; 2 R a 1-b 1

Brislismo o problema N.º 128 es srs. Nunes Cardo e Marcelino Marques de Barros.

DAMAS

PROBLEMA N.º 129
Pretas 3 D e 5 p.



Branças 2 D e 5 p.
As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 128

Branças	Pretas
16-19	22-16
16-17	21-14
1-6	2-9
13-17	26-13
18-22	13-26
15-19	24-5
29-11 2-13	31-24
13-31 20-7-25	
Ganha	

Resolveram o problema n.º 127 os srs: Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, José Brandão (Infantas), H. Braga (Stubal), Manoel dos Santos Pereira, Miguel Jesus Panamacho (Vila Real de Santo Antonio), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Miguel Jesus Panamacho.
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirija a secção o sr. João Eloy Nunes Cardosa.

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 23 de Julho
Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601 5602 e 3603

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

EM PARIS. ELEGANCIA FEMININA

O VÔO DE LINDBERGH



No aerodromo de L. Bourget. A inauguração da pedra comemorativa da aterrissagem de Lindbergh. (A' direita, o aviador Chambrin, com um ramo de flores).

Cliché Meurisse



Pepa Bonafé, a conhecida artista, com a «toilette» que conquistou o premio de 50 000 francos. Esta soma reverteu a favor dos costureiros que criaram o interessante modelo.

Cliché Meurisse

O RAID DO "AMERICA"



O "America" rodeado pela multidão em Ver-sur-Mer, após a dramatica travessia que glorificou Byrd e os seus companheiros.

Cliché Meurisse

ESCOTISMO



Os adueiros Fernando Moreira e Antonio Santos, que veem a pé do Porto a Lisboa, em viagem de propaganda do escotismo.

A POLICIA DE SETUBAL



A nova corporação da Policia de Setubal, depois da apresentação ao sr. Governador Civil, dr. Sampaio e Melo.

[Foto Americo Ribeiro]

A SEMANA DESPORTIVA



Palhares da Costa, do Sporting, que bateu o record de Portugal nos 110 metros-barreiras.

Foto Salazar Diniz

VIDA OFICIAL



O aniversario do 1.º ano de gerencia da actual comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa. O chefe do Estado a caminho da fabrica de tijolo do Parque Eduardo VII.

Foto Salazar Diniz

ARTE PORTUGUESA



Um lindo exemplar dos trabalhos altamente artisticos que se executam na casa J. & M. Pedro Fraga, Rua da Palma, 82.

VIDA DIPLOMATICA



A partida do ilustre secretario da Embaixada do Brasil, sr. dr. Casvi de Magalhães, para o Rio de Janeiro, no paquete «Alcantara».

Foto Salazar Diniz

PUBLICIDADE



USAR FIRESTONE
É COMPRAR COM O MES-
MO DINHEIRO MUITOS
MAIS KILOMETROS

Firestone

Sifilíticos

Preferi a todos os preparados os supositórios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades — EFICACIA COMPLETA — TOLERANCIA ABSOLUTA — EMPREGO FACIL.

A venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA

24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS

31, Praça D. Pedro IV, 32

LISBOA

TELEFONE C. 641

Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões

LIMITADA

COLOCAÇÕES

E reparações de campainhas electricas, telefones e péra-raios

LUZ ELECTRICA

Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

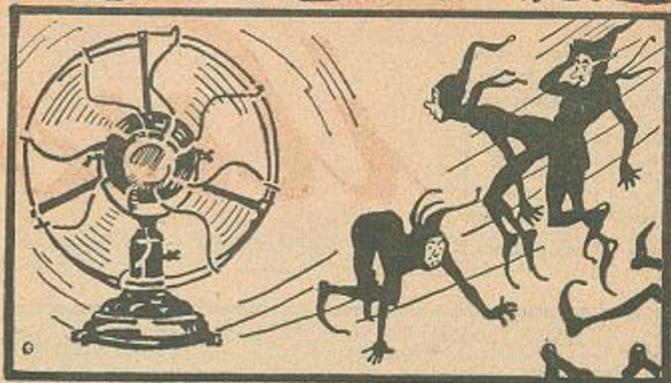
Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15

LISBOA

VENTOINHAS



FAZEM DESAPARECER
O CALOR
E AS MOSCAS
VENDEM-SE A PRESTAÇÕES MENSUAIS
NAS C^{AS} R^{AS} GAZ E ELECTRICIDADE.
RUA DA BOA VISTA - 31

Leilões

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — HIPOTECAS — TRESPASSES. — REFERENCIAS BANCARIAS E COMERCIAIS.

Julio Franco da Cruz, L.^{da}

108, R. DA ALFANDEGA, 1.^o

LISBOA

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico : AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

LOJA INFANTIL

114 — ROCIO — 115
LISBOA

Rouparia para Senhoras e Crianças

Enxovais para noivas e recém-nascidos — Sortido completo em tecidos de lã, seda e algodão. — Telef. 4991 Norte

FUNERAES

TELEF. 1094 N.



DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS.
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇÕES,
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVIÇO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:

RUA DOS ANJOS, 139, 2.^o E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAHIA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO, 52.20 - SEMESTRE, 26.00 -
ESTRANGEIRO
ANO, 64.00 - SEMESTRE, 32.00

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O CAMION DA MORTE

Mais um desastre pela impericia de um *chauffeur*... Um camion, de corrida vertiginosa, depois de ter chocado com um automovel, no Chiado, vai despedaçar um outro no Poço dos Negros, Houve tres feridos em estado grave.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING